

Letramento no ensino básico: A mediação do professor no uso da oralidade como ferramenta sociointerativa nas aulas de Língua Portuguesa.

Literacy in basic education: Teacher mediation in the use of orality as a socio-interactive tool in Portuguese language classes.

Gilvan da Silva Alves¹

Raimundo Carvalho Moura Filho²

RESUMO: A abordagem dos gêneros orais em sala de aula possibilita que os alunos desenvolvam habilidades que lhes serão úteis em eventos reais, em diferentes situações de interação. Assim sendo, essa abordagem exige planejamento e elaboração de atividades pedagógicas voltadas para os mais diferentes gêneros. Esta pesquisa tem como foco central o uso das atividades destinadas ao trabalho com a oralidade como uma ferramenta sociointerativa nas aulas de Língua Portuguesa com os alunos do Ensino Fundamental II. O objetivo desse estudo parte do seguinte questionamento: As atividades destinadas à oralidade estão sendo utilizadas como objeto de ensino no desenvolvimento das práticas comunicativas dentro e fora da sala de aula? Nessa direção, fundamenta-se em estudos que seguem perspectivas sociointeracionais, com o foco nos gêneros orais e no ensino desses gêneros. Baseando-se, para tanto nas orientações teórico metodológicas de Bertone – Ricardo (2009), Marchuschi (2007), da Mata (2009), Bagno (2009) e Cagliari (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Letramento, Oralidade, Sociointeração.

¹ Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Pós-graduando em Educação Infantil, Alfabetização e Letramento pela Faculdade Malta (FACMA). E-mail: gilvanalvess@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). ORCID Link: <https://orcid.org/0000-0001-5262-6919>. E-mail: raimundo.hist.cesi@gmail.com

ABSTRACT : Approaching oral genres in the classroom allows students to develop skills that will be useful in real events, in different interaction situations. Therefore, this approach requires planning and elaboration of pedagogical activities aimed at the most different genres. This research has as its central focus the use of activities aimed at working with orality as a socio-interactive tool in Portuguese language classes with Elementary School II students. The objective of this study is based on the following question: Are activities aimed at speaking being used as a teaching object in the development of communicative practices inside and outside the classroom? In this direction, it is based on studies that follow socio-interactional perspectives, with a focus on oral genres and the teaching of these genres. Based on the theoretical and methodological guidelines of Bertone – Ricardo (2009), Marchuschi (2007), da Mata (2009), Bagno (2009) and Cagliari (2010).

KEYWORDS: Literacy, Orality, Sociointeraction.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS OU INTRODUÇÃO

O ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa no espaço escolar devem ser desenvolvidos de forma que o aluno amplie e domine o ato discursivo nas diversas situações comunicativas do cotidiano para que ele se torne um cidadão letrado crítico.

As práticas de letramento são iniciadas antes mesmo de o aluno entrar na escola, como ele já é um falante da língua e já domina a fala, o trabalho com essa disciplina centra-se apenas no ensino da leitura e da escrita deixando o trabalho com a oralidade em segundo plano.

Ao ingressarem na escola, os alunos já dispõem de competência discursiva e linguística para comunicar-se em interações que envolvem relações sociais de seu dia-a-dia, inclusive as que se estabelecem em sua vida escolar. Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos. (BRASIL, 1999 p.24)

Os manuais dos livros didáticos não costumam dar muito espaço as questões e a importância de se trabalhar a oralidade com os alunos, e não trata esse assunto com a devida

Revista Interdisciplinar

atenção deixando em evidência a distinção entre a fala e a escrita que muitas vezes são feitas de forma equivocada.

Ora, a criança, quando chega à escola, já domina a língua falada. Ao entrar em contato com a escrita, precisa adequar-se às exigências desta o que não é tarefa fácil. É por essa razão que seus textos se apresentam evados de marcas da oralidade, que, aos poucos deverão ser eliminadas. (KOCH, 2017 p.18)

É de fato necessário que a escola assuma a responsabilidade de desenvolver no aluno, desde as séries iniciais, as habilidades que lhe garantirão fluência em situações que exigem a interação oral, da mesma forma como sempre considerou importante desenvolver as competências relacionadas à comunicação escrita.

Deste modo, é importante que os professores de Língua Portuguesa das séries finais tenham uma perspectiva teórica das abordagens, como noção central de oralidade e letramento, fala e escrita, para que a supremacia da escrita sobre a fala não aconteça de forma equivocada.

Fala e escrita são duas formas de expressão discursiva que as pessoas usam para manifestar suas interações sociais no dia a dia sem que uma seja mais importante do que a outra, são duas práticas discursivas complementares.

A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível da fala. (MARCUSCHI, 2007 p. 35)

Na esteira do que pensa Marchuschi (2007) o ensino de Língua Portuguesa de um modo geral centra-se no ensino da língua escrita e da leitura eximindo-se quase que por completo as práticas da oralidade no cotidiano escolar, visto que se acredita que quem domina a leitura e a escrita domina a norma culta da língua em questão.

Muitas vezes quando se trabalha o uso da oralidade nas aulas de LP o professor utiliza histórias em quadrinhos com falas do personagem com o intuito de levar os alunos a transcreverem essas falas para a modalidade culta e escrita da língua gerando então um preconceito linguístico, esquecendo-se de trabalhar a grandeza da variedade linguística.

Pela fala se percebe quem é o interlocutor, se é homem, mulher, criança, idoso/idosa, sua crença, coisas que pela escrita não tem como perceber. Desta forma pela oralidade fica evidente os traços do interlocutor.

Revista Interdisciplinar

Os PCN (2002, p.63) apontam para a importância de se abordar a oralidade com o mesmo valor atribuído à leitura e a gramática. O fato é que as práticas de oralidade, como, por exemplo, debates, seminários e entrevistas, não ocupam lugar de grande importância nas metodologias adotadas. Quando são trabalhadas, os resultados são considerados insignificantes e normalmente desconsiderados. De um modo geral, a oralidade é abordada como um item menos importante.

Refletir sobre a prática da oralidade no ensino da Língua, significa uma mudança na postura dos professores já que normalmente ela não está em primeiro plano, quando se planeja uma atividade em sala de aula se faz necessário que essa postura seja adotada e passe a ter um papel fundamental no ensino da língua materna.

A presente pesquisa está ancorada em um aporte teórico que subsidia a concepção de oralidade de forma geral analisando o papel do professor no processo de ensino aprendizagem da oralidade do cotidiano escolar. Nessa perspectiva o estudo fundamenta-se nas orientações teórico metodológicas de Bertone-Ricardo (2009), Marcuschi (2007), da Mata (2009), Bagno (2009) e Cagliari (2010).

2. LETRAMENTO NO ENSINO BÁSICO: A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO USO DA ORALIDADE COMO FERRAMENTA SOCIOINTERATIVA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

As práticas de ensino da língua portuguesa nas escolas são de modo geral, fundamentadas nas modalidades de leitura e escrita, e deixa de lado quase que por sua totalidade as práticas de oralidade. Tal constatação se confirma pelo privilégio concedido à linguagem escrita dentro do espaço escolar como se apenas ela fosse capaz de inserir o aluno no mundo letrado.

Nesse contexto é necessário que a escola assuma a responsabilidade de desenvolver no aluno, desde as séries iniciais, as habilidades que lhe garantirão fluência em situações que exigem a interação oral, da mesma forma como sempre considerou importante desenvolver as competências relacionadas à comunicação escrita.

São os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se a tese de que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação (MARCUSCHI, 2001, p.9).



Nesse sentido, criar situações em sala de aula em que os alunos pratiquem atividades adequando sua fala a situação de uso é de grande valia, pois nem sempre o aluno participará de situações formais que exijam o uso da língua padrão.

É notório, que o espaço dedicado as atividades que utilizem a oralidade como ferramenta de ensino pelos professores de língua portuguesa dentro e fora do contexto escolar é escarço, e quando se trabalha este gênero muitas vezes o fazem de maneira descontextualizada não levando em consideração situações específicas que possam aprimorar as práticas discursivas desses alunos.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (PCN, 1999, p. 67)

É comum se avaliar o aluno pelo seu domínio de escrita. Desta forma, a oralidade é relegada a segundo plano, uma vez que a escola focaliza a questão de que a criança chega ao espaço escolar já sabendo falar, e o que dificulta o trabalho com a oralidade é a crença que para se chegar ao domínio da língua culta o aluno deve dominar a língua escrita fazendo com que esta receba um tratamento didático diferenciado eximindo quase que por completo as práticas de oralidade no espaço escolar.

Se a escola tem por objetivo ensinar como a língua funciona, deve incentivar a fala e mostrar como ela funciona. Na verdade, uma língua vive na fala das pessoas e só aí se realiza plenamente. A escrita preserva uma língua como um objeto inanimado, fossilizado. A vida de uma língua está na fala. (CAGLIARI, 2009, p.44)

Ainda assim, o conceito que é passado para os nossos alunos sobre a fala e a escrita no trabalho com a língua no contexto escolar é feita de forma equivocada, gerando muitas vezes um preconceito linguístico por parte de muitos docentes, que acreditam “ser sua obrigação coibir severamente os usos da língua que se desviassem da norma considerada culta” Bortoni-Ricardo (2004, p. 37).

Sendo assim, o professor deve desprender-se desse preconceito que só a língua escrita leva ao aluno pensar, deixando de lado atividades que contemplem a modalidade oral. É necessário que



Revista Interdisciplinar

o ensino da oralidade ganhe espaço em sala de aula, permitindo que o aluno entre em contato com os diversos falares e a língua padrão, para que ele se torne uma pessoa capaz de dominar a língua.

[...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2001, p.25).

Quando se diz que a escola precisa levar em conta a fala, muitos pensam que isso significa que deve ensinar os alunos a falar bonito, no estilo em que se escreve assim afirma Cagliari (2009, p 44), porém não é esse tratamento didático que se espera com o uso da oralidade no espaço escolar.

É de fato necessário que a escola assuma a responsabilidade de desenvolver no aluno, desde as séries iniciais, as habilidades que lhe garantirão fluência em situações que exigem a interação oral, da mesma forma como sempre considerou importante desenvolver as competências relacionadas à comunicação escrita.

Considerando a oralidade e sua relação com o ensino da língua portuguesa é importante salientar que é necessária uma mudança na postura dos professores, já que normalmente ela não está no centro das atividades realizadas em sala de aula, para que isso aconteça é fundamental que a oralidade seja trabalhada com a mesma ênfase que a leitura e a escrita.

De acordo os PCN's de Língua Portuguesa (1998) a oralidade assume um papel importante na sociedade com o mesmo valor atribuído à literatura e à gramática, pois através dela os alunos entram em contato com uma diversidade de valores culturais de uma comunidade e cabe a escola proporcionar suportes para que os alunos sejam capazes de desenvolverem a sua competência comunicativa.

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos. (BRASIL, 2001, p.24)

Por isso é necessário que os professores utilizem em sua sala de aula métodos em que os alunos entre em contato com situações reais no dia a dia tais como o contexto e o tópico discursivo, o status social, sexo e idade do falante para que as aulas tenham significância para os mesmos,

Revista Interdisciplinar

criando situações adversas para que eles entendam que dentro do contexto sociocultural existem diversos falares e que estes precisam serem respeitados desenvolvendo assim competência comunicativa nesses alunos.

A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. (PCN, 1999, p.35)

Quando o aluno se torna capaz de dominar essas variedades linguísticas ele desenvolve a sua competência comunicativa e isso está diretamente relacionado ao desenvolvimento do repertório sociolinguístico do indivíduo. É através de sua competência comunicativa que ele adequa sua fala a diferentes situações, de acordo com a sua cultura e o papel social que desempenha. Assim, do ponto de vista da educação sociolinguística, a questão central consiste em se introduzir o princípio da heterogeneidade linguística no trabalho com a língua. Nessa perspectiva, a variação passa a ser vista como fenômeno natural e importante no desempenho comunicativo do aluno em sala de aula e em outros contextos sociais. A noção de competência comunicativa é particularmente relevante para o contexto escolar, uma vez que é função da escola facilitar ao aluno a ampliação dessa competência.

A escola é, por excelência, o locus – ou espaço – em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentemente em práticas sociais especializadas (BORTONI- RICARDO, 2004, p.75).

É importante destacar que o trabalho com a linguagem (oralidade, leitura e escrita), na escola, deve privilegiar discussões sobre as várias possibilidades de falar, ler e escrever um texto, dependendo do objetivo e da situação comunicativa.

Somos participantes de situações sociais e, cabe a nós nos comportamos de forma diferente em cada situação comunicativa. O contexto é que determina o tipo de linguagem que devemos utilizar. Por isso, a prática da oralidade é uma forma de inclusão cultural e de socialização. Fávero (2005, p.21) afirma que “o texto conversacional é criação coletiva e se produz não só internacionalmente, mas também de forma organizada”, ou seja, para a atividade comunicativa oral

Revista Interdisciplinar

são indispensáveis habilidades e competências que vão além do conhecimento gramatical. É necessário que o texto tenha uma organização para que possa existir uma compreensão dos participantes e, que assim, o ato seja concretizado. Faz parte dessa organização do discurso fatores como: interação entre, pelos menos, dois interlocutores, uma sequência lógica do pensamento, um tempo e um objetivo.

Nessa perspectiva faz-se necessário que essas atividades sejam vistas pelo aprendiz como um processo significativo para o seu desenvolvimento, no sentido de proporcionar avanços efetivos no uso da linguagem, não apenas no ambiente escolar, mas também em outros ambientes sociais que exigem práticas sociais letradas.

(...) é nossa tarefa na escola ajudar aos alunos a refletir sobre sua língua materna. Essa reflexão torna mais fácil para eles desenvolver sua competência e ampliar o número e a natureza das tarefas comunicativas que já são capazes de realizar, primeiramente na língua oral e, depois, por meio da língua escrita. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 268)

Com base no que foi exposto, pode-se concluir que, embora os teóricos e os documentos oficiais demonstrem a importância do desenvolvimento das capacidades orais para a vida do aluno, o ensino da oralidade, mesmo passando por um momento de transformação, ainda não está devidamente implementado nas escolas, sobretudo, no ensino fundamental maior; que a concretização do ensino da oralidade passa, necessariamente, pela definição de seu objeto, e que esse ensino deve ser baseado em gêneros orais públicos formais ou relativamente formais, e ser promovido pela escola; e que, nas salas de aula, os gêneros escolhidos como mais importantes/necessários para o desenvolvimento das capacidades comunicativas orais dos alunos devem ser abordados como objetos de ensino, com variedade suficiente para preparar o aluno para atuar em sociedade por meio da linguagem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo desenvolver uma reflexão sobre a importância da mediação docente no uso da oralidade como ferramenta sociointerativa e sociodiscursiva nas aulas de Língua Portuguesa. É notório que o trabalho mediado pelo professor com a oralidade nas aulas de língua materna é determinante na vida do aluno, e o ensino e a aprendizagem dessa atividade no

Revista Interdisciplinar

espaço escolar devem ser desenvolvidos de forma que o aluno amplie e domine o ato discursivo nas diversas situações comunicativas do seu cotidiano para que ele se torne um cidadão letrado crítico.

Assim sendo, essa atividade exige planejamento e elaboração de atividades pedagógicas voltadas para os mais diferentes gêneros pelo professor para que os alunos desenvolvam habilidades que lhes serão úteis em eventos reais, em diferentes situações de interação.

Desta forma, se faz necessário que o professor de Língua Portuguesa valorize o trabalho com a oralidade e que essas atividades sejam utilizadas como objeto de ensino no desenvolvimento das práticas comunicativas dentro e fora da sala de aula de forma que o aluno se sinta à vontade no uso da língua em situações sociointerativas onde ele possa adequar a sua fala a situação de uso.

É importante que nesse processo o professor faça o uso das sequências didáticas, mediado pelos gêneros, de forma que os(as) alunos(as) gradativamente se apropriem dos conhecimentos dos gêneros, e simultaneamente internalizam as práticas de linguagem, que resultam na compreensão da língua. Desta forma, alude-se que o(a) professor(a) promova atividades sistemáticas que visem ao desenvolvimento de habilidades de produção e recepção de textos orais em contextos menos, ou mais formais, cuja mediação pedagógica seja suporte para a motivação do(a) aluno(a) em relação ao uso adequado da linguagem oral.

Com base no que foi exposto, pode-se concluir que, embora os teóricos e os documentos oficiais demonstrem a importância do desenvolvimento das capacidades orais para a vida do aluno, o ensino da oralidade, mesmo passando por um momento de transformação, ainda não está devidamente implementado nas escolas, sobretudo, no ensino fundamental maior; que a concretização do ensino da oralidade passa, necessariamente, pela definição de seu objeto, e que esse ensino deve ser baseado em gêneros orais públicos formais ou relativamente formais, e ser promovido pela escola; e que, nas salas de aula, os gêneros escolhidos como mais importantes/necessários para o desenvolvimento das capacidades comunicativas orais dos alunos devem ser abordados como objetos de ensino, com variedade suficiente para preparar o aluno para atuar em sociedade por meio da linguagem.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula. In: _____. **Um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, **Luiz Carlos. Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

KOCH, Ingedore Vilaça. **A interação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. P.; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. P. 21-34.